

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS - LICENCIATURA**

**MILE CARVALHO DE OLIVEIRA**

***QUANDO ME DESCOBRI NEGRA, DE BIANCA  
SANTANA: (DES) CONSTRUÇÕES E CABELO CRESPO***

Conceição do Coité - BA  
2022

**MILE CARVALHO DE OLIVEIRA**

***QUANDO ME DESCOBRI NEGRA, DE BIANCA SANTANA:  
(DES) CONSTRUÇÕES E CABELO CRESPO***

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva.

Conceição do Coité – BA  
2022

MILE CARVALHO DE OLIVEIRA

***QUANDO ME DESCOBRI NEGRA, DE BIANCA SANTANA: (DES)CONSTRUÇÕES  
E CABELO CRESPO***

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em de de 2022

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

---

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

---

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

Dedico as mulheres negras e guerreiras que fazem parte da minha vida. Minha irmã Marta, pelo apoio e incentivo, minha mãe Ana Maria, pela preocupação e cuidado, Jilvaneide, uma tia quase prima, minha vó Antônia, Caroline, minha dupla e grande amiga, e Maria da Conceição, meu primeiro exemplo de empoderamento. Não posso deixar de agradecer a meu irmão, pela coragem de assumir seu *black*, a meu marido por toda compreensão e carinho e a meu pai, pelo sonho da graduação. Painho e Mainha, esse sonho é nosso!

## AGRADECIMENTOS

Os itinerários que me fizeram chegar à concretização desse sonho, sem sombra de dúvidas, não foram fáceis, porém, proporcionaram uma metamorfose em meu ser. O decorrer desses quatro anos de graduação me impulsionou a uma busca constante de aperfeiçoamento e conhecimento. O sentimento de dever cumprido e gratidão são externados e tomam estas linhas.

Nesse momento, de tanta alegria, não posso deixar de agradecer a cada pessoa que trilhou o percurso junto comigo. Senhor, sem ti nada seria, dedico a finalização desse trabalho a tua edificação e glória. És meu refúgio e sustento. “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”. Romanos 11:36.

Meus sinceros agradecimentos a minha família, aos meus pais pelo amor incondicional e zelo, eles plantaram a sementinha do sonho de graduação em mim desse modo, essa é à concretização de um sonho nosso! Painho e Mainha, gratidão por sempre querer o melhor para seus filhos eu amo vocês. Agradeço aos meus irmãos: Marta, pois o meu incentivo e apoio sempre partiram dela. Dá, obrigada suas palavras me fizeram chegar até aqui; a Raul, esse ser de luz que Deus nos presenteou, amo vocês.

Aqui também aproveito para fazer tributo a minha vó, Maria da Conceição, professora de mulher preta foi ouvindo as histórias que me contavam sobre ela que despertou-me o desejo pela licenciatura.

A minha gratidão ao meu marido e amigo Janderson, que vibrou a finalização de cada página desse trabalho. Meu amor, seu companheirismo foi essencial nesse processo. A UNEB foi um divisor de águas em minha vida, minhas percepções foram modificadas e ressignificadas,

Agradeço as lindas amigas que a UNEB me presenteou, em especial minha dupla e grande amiga Caroline. Carol, você é um ser admirável, que ajudou no caminho de me reconhecer negra obrigada por compartilhar esse caminho junto comigo.

Agradeço as minhas ex professoras, Mariana Maravilha de Deus, uma grande incentivadora, que me auxiliou em muitos momentos da minha vida, um exemplo de esperança e amor ao próximo, e Marta Pastor, a professora que me fez apaixonar-se pela literatura; *O quinze, O velho*

*e o mar* foram o começo das leituras prazerosas. Marta Pastor me ensinou a ler com os olhos de quem ama a literatura.

Minha querida professora e orientadora, Andréa Mascarenhas, um ser humano brilhante, que aceitou o desafio Andréa, sua entrega e comprometimento pelo seu trabalho é excepcional, gratidão pela ajuda nessa jornada.

Por fim, a mim mesma, que eu sempre acreditar que posso ir além, e que esse trabalho seja o início de uma representatividade que sempre almejei.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a simbologia que o cabelo crespo tem no empoderamento feminino negro, além das representações do mesmo na literatura, sobretudo de autoria feminina. Reconhecer-se negra é um processo singular para cada indivíduo esse trabalho discute como o cabelo era concebido e representado antes, assim como, as mudanças de perspectivas sobre o crespo relacionadas a literatura feminina negra. A partir do exposto, o trabalho propõe-se a examinar o livro **Quando me descobri negra** de Bianca Santana (2015), e tratar de temas como: colorismo, autoria negra e estereótipos. Como embasamento teórico que norteou essa pesquisa, cita-se, Dalcastagné (2012), para discutir a literatura feminina; aborda-se a autoria das mulheres pretas por meio do pensamento de Evaristo (2004); e questões relacionadas à identidade fundamenta-se em Gomes (2003), entre outros. A ressignificação de conceitos e uma nova perspectiva acerca do cabelo crespo são discutidas, com base na metodologia adota a pesquisa bibliográfica, com caráter qualitativo desse modo, a partir da análise da obra de Bianca Santana, demonstra-se a importância de reconhecer o processo de aceitação de características naturais como complexo, a valorização da beleza negra na literatura, a simbologia presente no cabelo crespo e todas as implicações que são geradas ao reconhecer-se negra, pela narração de Bianca Santana e outras vozes negras que compõem sua obra.

**Palavras-chave:** Literatura. Autoria feminina. Mulher negra. Cabelo crespo. Empoderamento.

## ABSTRACT<sup>1</sup>

The present work aims to analyze the symbology that curly hair has in black female empowerment, in addition to its representations in literature, especially by female authors. Recognizing oneself as black is a singular process for each individual, this work discusses how hair was conceived and represented before, as well as the changes in perspectives on curly related to black female literature. Based on the above, the work proposes to examine Bianca Santana's book "when I discovered myself black." (2015), and to deal with topics such as: colorism, black authorship and stereotypes. As a theoretical basis that guided this research, Dalcastagné (2012) is cited to discuss women's literature; the authorship of black women is approached through the thought of Evaristo (2004); and issues related to identity is based on Gomes (2003), among others. The re-signification of concepts and a new perspective on curly hair are discussed, based on the methodology adopted by the bibliographic research, with a qualitative character in this way, from the analysis of the work of Bianca Santana, it is demonstrated the importance of recognizing the process of acceptance of natural characteristics such as complex, the appreciation of black beauty in literature, the symbolism present in curly hair and all the implications that are generated by recognizing oneself as black, by the narration of Bianca Santana and other black voices that make up her work.

**Keywords:** Literature. Female authorship. Black woman. Curly hair. empowerment.

---

<sup>1</sup> Tradução por Jilvaneide Carvalho Amaral, graduada em Licenciatura em Letras e Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	LITERATURA CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NEGRA .....	12
2.1	Literatura e sociedade: a negação dos estereótipos .....	13
2.2	Autorias feminina negra: traços de identidade negra .....	17
3.	CABELO CRESPO, TRAÇOS DA ANCESTRALIDADE .....	19
3.1	Caminhos de empoderamento na literatura .....	21
3.2	Vozes negras descolonizadas .....	23
4.	MEMÓRIA, HISTÓRIA E EMPODERAMENTO: SEM RESSENTIMENTOS .....	25
4.1	Reconhecer-se negra .....	26
4.2	Transições .....	29
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
	REFERÊNCIAS .....	35
	ANEXOS .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é um instrumento de relação intrínseca com a sociedade que, usando inúmeros artifícios, faz da arte uma representação da realidade. A história literária fundamentou-se num sistema de exclusão, posto que o processo de seleção de obras ditas consagradas consiste na eliminação e invalidação de outras. Esse fato está presente na canonização de obras e/ou autores, uma vez que o *cânon* está a serviço de uma hegemonia idealista que exclui diversos grupos ético-sociais. Em vista disso, a literatura feminina é minoritária segundo Nascimento (2019) em seu estudo sobre o cânone na perspectiva de Harold Bloom, estudioso do *Cânone Ocidental*.

No passado e até bem pouco tempo, no início do século XXI, a literatura de autoria feminina negra foi em parte negada, pois, poucas mulheres conseguiram espaço de autoria no passado, assim como algum papel de prestígio a ser exercido na literatura, já que a representação dessas mulheres, como resultado de uma construção cultural, foi deturpada por estereótipos e preconceitos, criados e escritos ao longo da história da humanidade, como explica Tannus (2020), que faz-se necessário entender que o negro na literatura, é mais pauta do que autor, o que abre brechas para retratações estereotipadas. Desse modo, essas caracterizações pelo imaginário de pessoas brancas acabam se firmando como verdade, no âmbito social.

As poucas aparições literárias de personagens negros são “suavizadas”, não falando de maneira precisa sobre as características físicas, assim como aconteceu quando um homem negro tornou-se um dos melhores escritores brasileiros e teve sua figura embranquecida por algum tempo como consta no artigo *As duas cores de Machado de Assis* (2011) escrito por Carlos Nobre.

A figura feminina sempre teve um lugar restrito na literatura; antes, sem poder de fala, eram descritas por homens, quase sempre uma representação machista, onde se atribuía vários estereótipos e concepções distorcidas sobre o que é ser mulher. É através da linguagem que o escritor caracteriza o mundo e descreve a realidade em que se permite adentrar. Em diversos períodos da história literária as mulheres são retratadas por homens, como uma espécie de herança colonizadora, o que não permite conhecer as pluralidades femininas, essas caracterizações são vagas e não transpasse totalmente a subjetividade feminina, pois quem escreveu não poderia retratar com propriedade, pois não compreende o universo feminino.

No que diz respeito à mulher negra, essa descrição é ainda mais negativa, pois elas são retratadas de maneira pejorativa, como objeto sexual, escrava e com pouca beleza. São

idealizadas a partir da concepção de mundo de homens machistas e preconceituosos. Quando os negros foram escravizados, vários argumentos foram disseminados para passar uma imagem pejorativa sobre os escravos; com a íntima relação entre literatura e sociedade, surgem alguns personagens negros na história da literatura brasileira.

Para o *corpus* dessa pesquisa escolhemos uma obra da literatura brasileira contemporânea, *Quando me descobrir negra* (2015) que será estudada com vistas a analisar alguns pontos: 1) a (des)construção da imagem negativa sobre a figura feminina negra; 2) e a reconstrução da identidade da mulher negra através do processo de empoderamento pelo reconhecimento do cabelo crespo e suas implicações.

A obra *Quando me descobri negra* (2015), de Bianca Santana, narra alguns fatos que pessoas negras vivem cotidianamente, além de falar sobre como é ser preta. Esta obra também trata sobre os fios crespo, ao ressaltar a simbologia do cabelo para estas mulheres. Em relatos curtos, a autora explana o processo de aceitação, por parte dela e da sociedade, ambas em (des)construção. Escritora e militante negra, natural de São Paulo, Bianca Santana cursou Jornalismo pela Cásper Líbero, é mestre em Educação pela USP (Universidade de São Paulo), *Continuo preta* (2021) na revista *Agência Riff*, diz que a escritora também é uma obra de Santana que é uma importante representante das mulheres negras e defensoras de movimentos sociais, principalmente os antirracistas.

O livro em questão (SANTANA, 2015) é indicado para o público com idade de quatorze anos ou mais, com noventa e seis páginas e ilustração de Mateu Velasco, publicado em 01 de janeiro de 2015, pela editora SESI-SP. A literatura infanto juvenil é de suma importância, principalmente por tratar da diversidade e também de temas relacionados à identidade, entre outros. Reconhece-se negra é um processo crucial para a construção da identidade, aqui também são narradas algumas experiências vividas por mim, essas narrativas motivaram a escrever acerca dessa temática tão desafiadora. Por muito tempo, sobrevivi em um mundo com hegemonia europeia, não conhecia autores e autoras negras, e busquei uma representatividade que não existia, todos os personagens do campo literário que conhecia não abrangia as minhas narrativas, até buscar essa representação e conhecer diversos autores negros, que motivaram essa pesquisa.

Esta pesquisa compara, parcialmente, o presente com o passado da Literatura brasileira, com a finalidade de debater algumas representações de mulheres pretas no campo literário contemporâneo. O *corpus* dessa pesquisa tem como pretensão seguir por uma linha de estudo que vem ganhando força desde as décadas finais do século XX, a que visa mostrar como a mulher era retratada no campo literário, e como as vozes contemporâneas abre espaço, hoje,

para as minorias sociais, além de explanar acerca do processo de reconhecer-se negra (por parte da personagem retratada na obra selecionada para o estudo), com foco na aceitação do cabelo crespo, parte da beleza negra.

O campo das artes é imprescindível para o processo de empoderamento feminino, fator de relevância social porém, essa nova concepção, de beleza feminina negra, já se faz presente no âmbito literário, desconstruindo imagens negativas e trazendo consequências positivas para a reconstrução da identidade afrodescendente.

A literatura foi concebida socialmente, de maneira limitante, se relacionado ao espaço que as mulheres ocupavam, em muitos momentos, houve somente uma representação e não o ato de escrever de próprio punho. De acordo com a percepção social a imagem que se tinha do negro era gerada entre discriminações e inverdades. As representações da imagem feminina negra eram feitas em conformidade com o passado de escravidão, em que a mulher não podia ser dona de suas ações e nem mesmo tinha um domínio sobre seu corpo. A mulher preta, vítima de atrocidades, o que talvez tenha ocasionado a construção de uma imagem deturpada acerca do ser feminino negro EVARISTO, (2005).

O estudo aqui em desenvolvimento parte da necessidade de discutir sobre uma temática: a que trata da importância de conceder ao povo negro a possibilidade de expressar suas perspectivas na literatura, além de legitimar a presença da mulher preta por meio do reconhecimento do cabelo crespo como símbolo de resistência e da característica biológica de sua negritude. Reconhecer a etnia afrodescendente, as vezes requer todo um processo de aceitação, devido ao descrédito vinculado às populações negras e suas características biológicas.

No primeiro capítulo desse trabalho busca-se falar das representações e estereótipos concebidos na literatura, e a autoria feminina negra. O capítulo seguinte aborda a ancestralidade e as concepções sobre o cabelo crespo. O último capítulo o cabelo crespo é analisado como símbolo de beleza negra, de construção de identidade e escolhas estéticas.

A literatura, entre outras conquistas, abriu um espaço para as minorias; com isso, é possível perceber que várias autoras negras estão adentrando este espaço tão contestado. Com a possibilidade de falar de acordo com seu lugar de fala<sup>2</sup>, a literatura traz a representatividade que tanto faltava na história da literatura brasileira.

---

<sup>2</sup> Expressão elucidada por Djamila Ribeiro (2017) usada com objetivo de oferecer visibilidade a sujeitos cujos pensamentos foram desconsiderados durante muito tempo, em temas específicos como, racismo, feminismo negro, pessoas que fazem parte desse grupo podem que outras visões, pois vivem essa realidade.

Adota-se a metodologia bibliográfica com abordagem qualitativo, visto que reflete sobre os temas étnicos e indenítário, o estudo realizado com base em pesquisas e análises teóricas, em livros e artigos. O trabalho em questão, com a análise do romance de Bianca Santana (2015), tem a intenção de estudar como a autora desenvolve seu texto com vistas a desconstruir a imagem negativa da mulher negra e consolidar a construção de outra identidade, bem como, contribuir para o empoderamento das mulheres através da alusão e do reconhecimento do cabelo crespo.

## **2 LITERATURA CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NEGRA**

Sabe-se que a representação da mulher negra na literatura foi negativa durante séculos, o que resultou em uma imagem limitada. Silenciadas e subjugadas, as mulheres negras carregam alguns estereótipos. Em países que o regime escravocrata vigorava, negras são retratadas na literatura como pessoas de pouca inteligência e biologicamente favorecidas somente na parte que diz respeito à beleza dos seus corpos. Evaristo, (2005) afirma que houve essa deturpação na literatura, visto que, em alguns papéis houve uma ausência feminina.

Desse modo, para tratar da desconstrução de imagens negativas, sobretudo acerca do ser feminino negro e seu corpo, é imprescindível fazer um breve resumo de como estas foram criadas ao longo da história, além de alguns termos que serão aqui utilizados como empoderamento<sup>3</sup>, e colorismo<sup>4</sup>. As negações de estereótipos revelam a importância de desfazer-se de deturpações, surgindo a necessidade de uma identidade que represente as mulheres, e, ainda mais, que as façam empoderar-se.

Os estereótipos, que são imagens pré-concebidas pelo senso comum, são recorrentes até nos dias atuais, de acordo com o dicionário Aurélio online os estereótipos são concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades. Aqui vamos discutir sobre dois deles de modo mais detido. O primeiro é o de objeto sexual, a maioria das

---

3 O empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos. (FREIRE, 1980. p. 31).

4 O termo colorismo surge em 1982 pela escritora Alice Walker, e tem como definição a diferenciação na tonalidade de pele das pessoas, iniciando do mais claro ao mais escuro. (WALKER, Alice. *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like*).

mulheres negras possuem um biótipo marcado por um corpo exuberante e sexual, o período colonial, as escravas, além dos trabalhos domésticos, muitas vezes eram obrigadas a ter relações sexuais com os senhores, não podendo decidir nada sobre o seu corpo, ainda em conformidade com Evaristo (2005).

Essa violação do corpo negro resultou no fenômeno denominado colorismo o termo surge em 1982 por Alice Walter para explicar os diversos tons de pele de uma etnia, usado por movimentos sociais para desmitificar a ideia de tons mais claros não pertencem a étnica negra, e que denominações como “pardos”, “morenos” não devem ser usados para indicar esses tons.

E o segundo estereótipo é relacionado ao cabelo crespo, questão em que nos aprofundaremos no decorrer da pesquisa. Sempre dito como feio e ruim, o cabelo crespo foi visto como algo negativo e não aceitável socialmente, na contemporaneidade, formação de uma nova concepção aos poucos está sendo concebida, deixando de ser algo relacionado à inferioridade desse traço genético e se tornando um fator decisivo para nova construção identitária do povo preto.

O termo empoderamento é um neologismo cunhado por Paulo Freire (1980) a partir da palavra oriunda do inglês *empowerment*, que significa conscientizar-se e tomar decisões de poder que influencie mudanças pessoais ou de cunho social. Quando trata-se de mulheres negras o referido conceito diz respeito à busca e formação de identidade, o que resulta em grandes mudanças sociais. Com o empoderamento feminino, novas áreas vão tornando-se mais acessíveis do que outrora, surgindo vários nomes de mulheres e, entre elas, algumas negras que passam a figurar também na literatura.

A autoria feminina vai surgindo lentamente, e inovando o campo das artes, e uma conquista sócio-cultural Evaristo, p.54, 2005, antes, não valorizada e excluída dos padrões, que eram livros escritos por autores do sexo masculino, brancos. Atualmente, ganhando mais espaço, e é desse processo que surge a desconstrução literária da imagem negativa feminina negra, sempre atrelada a tantos estereótipos e preconceitos.

Ainda para Evaristo (2005), essa desconstrução entra em um processo de legitimação social, mas é possível perceber essa inquietação também no âmbito literário. Com a literatura contemporânea, mulheres assumem seus lugares de fala, podendo expressar e externar o que se passa em seu interior.

## **2.1 Literatura e sociedade: a negação dos estereótipos**

Muitos anos foram necessários para que o eu feminino negro alcançasse um espaço digno na literatura e, ainda assim, fosse tão contestado. De acordo com Dalcastagné (2012), a literatura é uma forma de representação, porém, existe um silêncio na literatura, o que nos leva a ponderar quem são estes sujeitos silenciados e que lugar os mesmos ocupam na sociedade.

Segundo informações recolhidas no site da Editora SESI- SP <sup>5</sup> editora, Bianca Santana nasceu em São Paulo, é escritora, cientista social, jornalista e taróloga, mulher negra periférica, seria uma voz silenciada em outros tempos, mas, a contemporaneidade abre espaço para as minorias, antes pouco representadas que, agora, assumem autorias podendo se autorrepresentar.

O livro tem como público alvo crianças e adolescentes na categoria infanto juvenil, ter livros como esses nas livrarias que abordem a diversidade desde a infância pode propiciar um novo olhar sobre os negros e sua beleza/origem. Ter acesso ao livro em que os personagens aludam as histórias e modifiquem a visão estereotipada da literatura é essencial. Com novas perspectivas sobre ser negro, o racismo aos poucos pode ficar no passado. Mesmo com esse avanço é possível verificar que a divulgação das obras que trazem a temática ainda não é suficiente.

Ainda de acordo com a SESI-SP Vencedor do prêmio Jabuti em 2016, na categoria ilustração, o livro *Quando me descobri negra*, uma obra de literatura contemporânea, infanto juvenil publicado em 2015 pela editora SESI-SP, traz relatos sobre a descoberta e aceitação da negritude de Bianca Santana, pelas experiências que ela narra, estas foram algumas de experiências pessoais, a autora também traz relatos de outras vozes para seu livro.

O processo de desconstrução começa na aceitação da sua etnia e no fato de se ver como mulher negra. A negação, por parte da sociedade da negritude, é gritante no livro. Como pode-se observar em seu primeiro relato:

Tenho trinta anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol- e para toda minha família que nunca gostou do assunto (SANTANA 2015, p. 13).

Percebe-se que ser considerado negro não é bem visto socialmente, assunto muitas vezes tratado como “tabu”, gera várias dúvidas. A princípio a questão do colorismo está presente no

---

<sup>5</sup> Serviço Social da Indústria. Disponível em: <<https://www.sesispeditora.com.br/autor/bianca-santana/>>

livro de Santana (2015), quando o eu feminino, negro de pele alva, a princípio não é considerado negro, porém, cabe aqui salientar que existem vários tons de pele dentro da etnia negra, esse termo será melhor discutido aqui.

A autoria de mulheres negras permite que expresse questões ligadas ao seu eu subjetivo, antes desconhecido. Assumindo a autoria, mulheres negras enfrentam uma luta para romper com todos os preconceitos e desmitificar a imagem retratada da mulher preta. Um dos maiores empecilhos é o racismo estrutural.

O crime denominado racismo, segundo o Conselho Nacional de Justiça, atinge uma coletividade é a discriminação de toda uma etnia. Racismo é um conjunto de ideologias que determinam uma superioridade entre etnias já o racismo estrutural, diz respeito a naturalização dessas ideologias. No racismo estrutural, ofensas, piadas, ações discriminatórias e teorias preconcebidas são naturalizadas, sendo vistas como normais e aceitáveis, isto ocasiona no descrédito e segregação da população negra. Segundo Maciel, (2017) o racismo, assim como outros fatores impulsiona a marginalização e o silenciamento de muitas vozes femininas, principalmente do sexo feminino.

A questão da mulher negra ser vista como objeto sexual, ainda é frequente, resultado do racismo estrutural. No trecho que segue SANTANA, (2015 p.78) podemos observar a naturalização dos estereótipos ligados a mulheres pretas, Stephan, alemão com quem Bianca tivera um pequeno e rápido romance durante uma viagem juntos. Um romance assim, entre duas pessoas de etnias diferentes, é visto como impossível para aqueles que cultivam o racismo estrutural, Bianca foi vista como acompanhante do jovem, o que gerou um interesse do proprietário do hotel.

No trecho abaixo, a narradora é vítima de preconceito ao ser confundida com uma prostituta pelo dono do hotel em que Bianca estava hospedada. É o que podemos ler no relato da última parte do livro, intitulado como: livre para amar #sqn: “Voltei, educada, pedindo pra ele repetir. “Você quer atender outro gringo enquanto ele está fora?” Como? O que aquele cara falou? Eu entendi, mas preferia não ter entendido” (SANTANA, 2015, p. 78).

Amores como o deles são considerados impossíveis, e, desde esse dia, Bianca não o encontrou mais, como relata o narrador, ao informar que não ficaria com alguém como Stephan novamente, por medo de julgamentos e opressões sociais. Se reconhecer negro, é um processo de aceitação que está diretamente ligado à constituição da identidade e da estética do ser, pois:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros. (GOMES, 2003, p. 171).

A partir do ponto de vista o eu lírico, podemos dizer que tomar a consciência de ser preta no Brasil é um processo complexo, visto que se trata de uma sociedade em que o preconceito e o racismo tem uma base sólida na constituição social. Compreender-se como negra é uma revolução, diante de todas as implicações que esse ato acomete. Nesse sentido, Conceição Evaristo (2004) explica que a imagem da mulher negra está atrelada ao passado de escravidão ou como objeto sexual: “A literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra” (EVARISTO, 2004, p. 52).

A literatura abrange a realidade social em diferentes épocas. Esta arte tem o poder de influenciar na formação de um indivíduo, com a contemporaneidade, agrega-se ao conceito de arte outros valores. Essa nova literatura, abre espaço para que pessoas de diferentes etnias sintam-se representadas e para que a autoria feminina negra seja considerada mesmo pouco valorizada, a conquista do espaço tão contestado é relevante.

DALCASTAGNÈ (2012) explica a literatura como forma de representação, um espaço em que os interesses sociais e culturais confundem-se, deve-se ponderar sobre os silêncios que a literatura esconde. Além dos estereótipos já citados aqui, existem outros que, juntos, deturpam a figura da mulher negra e a literatura fica marcada por personagens subjugadas. Escrava, doméstica, favelada, são termos comuns quando se trata de personagens pretas. O livro *Quando me descobri negra* SANTANA (2015), expressa a urgência de desconstrução da figura negra, apoiada à inadmissão de ser representada com estereótipos.

Bianca, que assume os papéis de autora e tema da narrativa, fala que se descobri negra foi uma jornada de muito tempo e em vários trechos é possível perceber que é constante. Verifica-se, no trecho destacado abaixo, o racismo estrutural relacionados a ideologia e que ao negro só cabe o lugar de subalterno:

Um sorriso, desses sem mostrar os dentes, seguido do pedido:  
Uma mesa para dois, por favor.  
Um sorriso em resposta, do mesmo tipo:  
Eu não trabalho aqui (SANTANA, 2015, p. 33).

Existe uma generalização de que o ser negro será sempre o subalterno ou a pessoa de menos prestígio em determinados lugares. Ao ser confundida com uma funcionária de um café,

Bianca tenta explicar algumas vezes que não trabalha no local e que é uma cliente, porém, não é ouvida, tratada como insignificante. Essa situação é comum no cotidiano de pessoas negras, pois são sempre relacionadas ao lugar de servidão, o que reflete o pensamento de um meio social racista.

Porém, a literatura e a sociedade modernas abrem novos caminhos e posições para as minorias, dentre elas, pessoas do gênero feminino e negras. Essas pessoas desenham a renovação literária contemporânea. Ainda corroborando com Evaristo (2004):

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de *representação* da mulher negra na literatura. (EVARISTO, 2004, p. 54).

Estes novos discursos são criados a partir de novas percepções sociais, em que conceitos são renovados com as demandas e evolução de uma nação. A literatura contemporânea aparece para representar esta época. Vários discursos começam a ser ouvidos, dentre outros aspectos, minorias ganham voz na literatura.

Mulheres como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Bianca Santana têm suas obras publicadas, e passam a escrever sob uma outra perspectiva, a de mulher preta como escritora. Essas mulheres escrevem sobre suas subjetividades e sobre outros assuntos. Um lugar outrora negado, expressam a força e a potência feminina negra.

## **2.2 Autoria feminina negra: traços de identidade negra**

De acordo com Dalcastagnè (2012) a literatura foi um território que silenciava inúmeras esferas sociais, esse campo artístico precisa ser democratizado, e abranger algumas representatividades. Para ser considerado literário o texto tinha que ser feito por pessoas de etnia branca, pois a arte era muito seletiva e elitizada. Hoje existe um pequeno espaço para aqueles que, antes, foram excluídos.

É possível citar alguns poucos nomes de escritoras negras que conseguiram espaço na literatura, mas é um grande avanço reconhecer que algumas delas já são reconhecidas e estudadas. Essas escritoras que possuem a voz ativa no campo literário alcançam seu lugar de fala e tem a oportunidade se auto-representar, e expressar questões subjetivas.

Eu sou quem descreve minha própria história e não quem é descrita. [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoria na minha própria história (KILOMBA, 2019, p. 28).

Na consideração feita por Grada Kilomba, percebe-se a importância que a escrita da mulher negra tem na construção da sua identidade. O ato de se expressar subjetivamente e não apenas ser descrita é uma conquista imensurável. Ainda nesse trecho, percebe-se a questão de escrever sobre si, que é o caso de Bianca, com relatos, explana suas experiências de mulher preta.

Por meio da auto-apresentação vemos a mulher negra como mãe, estudiosa, militante, modificando a representação escravista e estereotipada no passado. Narrar e tecer suas vivências é fundamental para que haja outra representatividade de mulheres negras, além de ser um processo em que se constrói uma nova identidade.

As mulheres negras, antes não representadas de fato como são, viviam em uma realidade moldada para elas, em que papéis como o de escritoras não lhes cabiam. A literatura contemporânea possibilitou, entre outros fatores, a constância do lugar de fala. Lugar de fala diz respeito a admissão de outras vozes, vozes negras e femininas é o que explica Djamilia Ribeiro (2017).

Não que somente estes discursos produzidos por terceiros seja o ideal, mas o que se espera, há muito, é que todos tenham possibilidade de falar sobre si e suas concepções. O discurso do outro já não era bastante para uma representação. O lugar de fala é a essência de quem profere os dizeres. Não é que essas representações não podem ser feitas, é que elas não abrangem todas as perspectivas sociais. Para a professora e pesquisadora da UnB:

O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepção do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala (DALCASTANGNÈ, 2012, s./p.).

A autoria feminina vem crescendo no Brasil e é a partir desse espaço que compreendemos algumas questões. A representatividade está impregnada no livro de Bianca Santana; são narrações cotidianas vividos e ouvidos por pessoas pretas. É por meio da autoria feminina de Santana que nos deparamos com os seus e outros sentimentos:

E eu até então estava me divertindo na festa da firma, comecei a entrar em mim mesma. Todas as diferenças entre a minha história de vida e a da maior parte daquelas pessoas, concretizada na minha cor de pele efetivamente mais escura [...]. (SANTANA, 2015. p. 84)

O universo íntimo de uma mulher negra é complexo, cheio de medos e inseguranças. Nesse relato, que conta acerca de uma festa da empresa, surge uma conversa sobre uma situação e pessoas brancas estão julgando se foi um ato racista ou não. A princípio, devemos entender que piadas e ofensas racistas foram por muito tempo romantizadas. No trecho grifado acima, evidencia Bianca ponderando sobre os efeitos sociais que são totalmente diferentes entre indivíduos, principalmente de etnias diversas.

Compreende-se que a autoria feminina negra se propõe à produção de um discurso que atenda suas questões, uma vivência própria, novos tipos e rumos para os personagens, vão fazer parte do contexto literário. Resistências, estética e lutas contra o racismo são temas que vão ser discutidos por quem de fato precisa da efetividade dessa luta. Esse lugar representa também a construção indenitária literária da mulher negra afrodescendente.

### **3 CABELO CRESPO, TRAÇOS DA ANCESTRALIDADE**

Para oliveira, (2007), a ancestralidade, um conjunto de fatores biológicos que definem nossas características físicas, atadas a experiências culturais e políticas, forma a identidade de um povo. Torna-se negro é um processo que envolve aceitação e aspectos além do físico. Porém, a maioria da população negra de países racistas entra no processo de reconhecimento da negritude pela discriminação, comentários maldosos e ofensas racistas.

Existem diferentes tonalidades de peles negras e diversas denominações para estes sobtons como: “Pardos, pretos, negros, café com leite, moreno, chocolate”, entre outras, foram sendo usadas pelo senso comum para o fenômeno do colorismo. Ser negro no Brasil, é quem se autodeclara negro, preto ou pardo IBGE (2008).

Em conformidade com o pensamento de Cruz e Martins (2017), pode-se afirmar que o Colorismo no Brasil é consequência da violação do corpo da mulher. Quando um senhor comprava uma escrava, não somente explorava à mão de obra, como usava seu corpo como objeto sexual, muitas mulheres foram violentadas sexualmente por homens brancos. Essa relação, em sua maioria, não era consensual. Entre ameaças e agressões, as mulheres negras mantinham relações com seus senhores por submissão ou de maneira forçada, o que ocasiona

o crime de estupro e leva a concluir que uma das bases da miscigenação foi a violência sexual. Cruz e Martins (2017), ao se referirem ao pensamento de Fulano, afirmam que:

Segundo o autor, o termo mestiço é designado ao fruto da relação sexual entre um branco e uma índia ou entre um índio e uma branca. Já a terminologia mulata é destinado ao fruto das relações sexuais entre uma negra e um branco ou entre um negro e uma branca. [...] O começo do processo da mestiçagem deriva do abuso sexual contra as mulheres negras e indígenas. (CRUZ, MARTINS, 2017 p. 06.)

Inúmeros países que adotaram o regime escravocrata afim de explorar a mão de obra africana, com base na hegemonia europeia o processo de inferiorizar das pessoas “de cor” incluindo os índios que, assim como os pretos, sofreram danos irreparáveis a nível cultural, moral e físico. Essa hierarquização permaneceu após a abolição, em que os escravos passavam a constituir uma grande parcela da sociedade, a busca a formação da identidade nacional e a preocupar-se com a cor da sociedade brasileira, ponto Com isso, a elite recorre a métodos eugenistas<sup>6</sup> para tentar o clareamento da sociedade.

Os vários tons de pele negra podem confundir pessoas, mas é necessário saber que existem inúmeros tons de uma única cor, preta, cuja raiz é a África. Na obra aqui em estudo, a autora, cuja pele é mais clara, não se identificava como negra, por tentarem socialmente de alguma forma, minimizar a etnia predominante, como uma espécie de proteção ou não aceitação.

Antes, era morena. Minha cor era travessura do sol. Eu era morena para as professoras do colégio Católico, para as coleguinhas [...] e para toda família que nunca gostou muito do assunto. “Mas minha vó e descendente de escravos? ”, eu insistia em perguntar. “E índio e português também”, era o máximo que respondiam. (SANTANA, 2015, p. 13)

Ser chamado (a) de moreno é um fato comum na vida de pessoas negras. Quando interrogadas sobre o motivo de usar esse termo, a maioria das pessoas brancas, alegam receio de estar sendo racista, ou simplesmente afirmam que você é muito claro para ser negro. Tentar esconder, apagar suas origens também faz parte do processo de branqueamento afinal, clarear a população era de suma importância para revelar a identidade social do Brasil.

---

6 Teoria de melhoramento da raça humana, por hereditariedade, criada por Francis Galton.

A tentativa frustrada da elite, de clarear a população, agravou as consequências do não reconhecimento. Outras áreas como culturas, comportamentos, estéticas e política, esse sim, foram clareadas. Como se descobrir negra se a sociedade se fecha, e esconde o valor do povo negro? Como aceitar-se negra, se a consequência desse ato, podem gerar várias consequências a partir do racismo.

Senti que a ascensão social tinha clareado minha identidade. Mas tarde percebi que o medo das tantas violências sofridas por pessoas negras do Brasil foi outra razão para o nosso branqueamento. (SANTANA, 2015, p. 14-5)

Nesse contexto, infere-se que: as raízes foram negadas e silenciadas; falar da cor é um tabu; assumir-se negra é um processo, principalmente para as pessoas que tem tons mais claro, visto que, não são explanados o reconhecimento étnico, e essas pessoas acabam não tendo conhecimento suficiente para entender que os outros tons, fazem parte de uma única cor. Dar-se conta de que se é negro envolve uma complexidade de sentir-se, como medo, insegurança e, porém, encontrar-se o caminho da resistência e orgulho.

Todas as violências, discriminações e segregações interferem diretamente no processo de aceitação. O branqueamento em áreas sociais foi de certa maneira empregado e estabelecido, de modo que qualquer outra manifestação de negritude ainda é vista como algo ruim, do mal ou violento.

O colorsimo são os tons de uma cor, que são obtidas a partir da relação de duas pessoas de étnicas (ou cores) diferentes. Indivíduos que tem tonalidades mais claras podem ter maior aceitabilidade desse modo estão menos expostas ao racismo. Bianca Santana (2015) por ter um tom mais claro, não sabia que era negra, geralmente não se é explicado e a massa não sabe diferenciar e determinar a etnia quando se tem a cor mais clara.

De vergonha para símbolo de resistência, o cabelo crespo sempre oprimindo passou a ver visto na beleza do seu natural, de acordo com Derrida (2013) a desconstrução é um fenômeno indescritível, e não pode ser como sequência de fatos, mas percebe-se pois o processo é exteriorizado, visto que acontece de dentro para fora. Desconstruir-se surge com a plenitude de um pensamento reflexivo e não com a teoria.

Desvincular do pesado passado de discriminações e vestir-se com o empoderamento, é desconstrução do que de entendia acerca da estética feminina negra, e a construção e consolidação da beleza negra, essa singular e única, nunca exótica e inferior.

### 3.1 Caminhos de empoderamento na literatura

Poder, palavra que, segundo alguns dicionários, diz respeito à capacidade e/ou autoridade para fazer algo, ter a possibilidade de fazer algo, segundo o Dicionário Aurélio Online. O poder está atrelado à todas as esferas sociais, desde os primórdios, atuando freneticamente; a busca pelo poder pode criar rivalidades, guerras e intrigas essa busca, move a esfera social. Mas, se olharmos por outro viés, o poder social implica diretamente na literatura, antes dominadas por cânones masculinos e brancos; adentrar o mundo literário é aprofunda-se na totalidade humana, na formação do homem.

Estando a formação do cânone, portanto, na estreita dependência de grupos que detêm o poder dos discursos críticos e das instituições não é de causar admiração a ausência, nos séculos passados, de mulheres, negros e negras, enfim, dos excêntricos das listas canônicas. (JOB, 2015, p. 61)

No trecho acima explica que o cânone literário, é escolhido por um grupo que detêm o poder, e que a ausência de mulheres e grupos minoritários está ligado a este fato. A arte literária adotou um caráter restritivo e muitas vezes elitista, sempre foi um lugar masculino, marcado pelo patriarcalismo geralmente pessoas do sexo masculino, brancos e ricos, tinham a liberdade de escrever e publicar seus escritos. A literatura é muito rica e diversa, não quero aqui desmerecer a arte feita por outros gêneros, mas a necessidade da mulher alcançar outros papéis e ser respeitada é fundamental para construção de uma sociedade igualitária, em que mulheres e homens possam ocupar os mesmos espaços, incluindo o de autoria.

O poder centralizava-se no universo masculino, hoje ainda alvo de muitas disputas; gozar do prazer de ser poderoso é um desejo humano. Assim, é criada uma derivação do termo em questão, empoderamento, que é proveniente do poder, e significa, segundo Joice Berth; quando utilizamos esse neologismo que significa, grosso modo, “dar poder”. (BERTH, 2019, p. 13). Esse poder em questão, refere-se ao coletivo, ao orgulho de reconhecer sua etnia, de ter voz. Diante disso, a autora explica que empoderamento é “dar poder”, aos que vivem à margem, que são segregados, poder passa a ser coletivo, pois, o empoderar-se leva a uma tomada de consciência individual, que influencia um grupo social. São as conquistas inerentes ao povo afrodescendente, principalmente ao negro.

É possível afirmar que para chegar ao empoderamento houve uma grande negação de identidade. O povo negro negou-se por tempos, rejeitando seus traços e culturas. Os caminhos para essa promoção de autonomia e afirmações ainda é o começo de um processo pois, quando falamos em empoderar podemos ponderar se:

Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p.18)

Empoderar-se não exclusivamente é um processo pelo qual não somente uma pessoa negra pode passar, visto que, trata-se de se autoafirmar, aceitar, esse caminho é a maneira pela qual você se entende. Porém, ser negro e ser empoderado transcende épocas. Os pretos por muito tempo foram obrigados a submissão, negar seu cabelo, sua cor escura, sua cultura, origem e identidade, após o tempo da escravidão. Educados em uma sociedade racista, a cor de pele preta era feia e suja, que nossos cabelos são feios, enfim, ser negro, era motivo de vergonha.

Reconhecer que o cabelo de um homem preto ou mulher preta é bonito, é como se fosse o primeiro passo para a aceitação, o cabelo traz consigo toda uma simbologia, essa já sendo retratadas por livros de literatura. Atualmente é possível encontrar livros infantis que ensine crianças a gostarem de seus cabelos naturais, como *O cabelo de Lele*, de Valéria Belém (2012), além do livro infanto juvenil aqui em análise, de Bianca Santana.

Traçar jornadas para o empoderamento ser legitimado, à literatura é um campo que pode trazer contribuições essenciais a essa luta. O livro *Quando me descobri negra* SANTANA (2015) é possível que várias meninas e mulheres se identifiquem ao ponto são narrados, como processo de autoreconhecimento, se compreender como mulher e preta.

Muitas vezes devido ao colorismo, o fato de ser realmente negra é posto em dúvida e é o cabelo crespo que talvez venha a sanar estes questionamentos, pois ter seu cabelo como símbolo de sua cor é uma conquista. Nos deparamos hoje com as imposições mulheres podem ter o cabelo do jeito que bem entender, o fato de alisar o cabelo ou não, nunca as tornará menos negra, uma vez que o cabelo alisado de uma mulher preta também carrega uma simbologia, bem como o cabelo natural, o fato é que antes o cabelo natural não era aceito.

Era e ainda é muito comum a diversidade de produtos para alisar o cabelo ou encontrar uma mulher, independente da faixa de idade, com o cabelo preso. Alisar o cabelo sempre foi algo normal na vida de crespas, como uma imposição, como verificamos abaixo:

Passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para “arrumar” meu cabelo. Arrumar significa alisar ou, no mínimo, “relaxar as ondas”. Minha avó, vítima algoz do mesmo racismo, prendia o cabelo beeeem (sic) puxado pra trás. (SANTANA, 2015, p. 21)

Alisar o cabelo, antes, servia para camuflar a identidade, para se encaixar dentro de padrões de beleza que não condizem com a diversidade de etnias brasileiras. O caminho do empoderamento foi disseminado principalmente a partir da possibilidade de conhecer o cabelo natural, de uma preta ou preto reconhecer-se como bonito ou bonita, de falar sobre si e pra si, e para todos, empoderamento é, entre outras coisas, a construção e orgulho da identidade pessoal e coletiva.

No relato literário de Bianca esse empoderamento é construído ao logo da narrativa começar a soltar o cabelo, usar o turbante assim como *Black Power* é considerado como símbolo da resistência negra, que não surge de agora, porém foi ressignificado, abrangendo significados diferentes, estes, adotados como símbolo de resistência negra.

### 3.2 Vozes negras descolonizadas

Um sinônimo aceitável de literatura é representação, pois é umas das funções mais claras estabelecidas. Representar é o ato de falar/descrever algo ou alguém, conforme Roger Chartier (1991, p. 25):

A relação de representação entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga - traça toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port Royal.

Representar é falar pelo outro, e foi o que ocorreu sempre. O ato de representar, de maneira nenhuma, deixa de ser importante, o que é relevante é a compreensão de que autorrepresentação é fundamental. Uma visão deturpada de alguém pode ocasionar em uma imagem distorcida do real e silenciamento, na impossibilidade de fala, a representação, na maioria das vezes, não pode acessar campos subjetivos que não seja pela imaginação, com a autorrepresentação esse acesso torna-se viável conhecer os diversos “eus” dentro de um ser, por sua própria autoria.

Com o processo de escravização que o Brasil passou, diante à colonização e consequentemente o racismo, a influência da cultura negra brasileira é invalidada e marginalizada nas áreas da cultura, nas artes, na música, na gastronomia e em várias outras esferas.

As falas literárias são colonizadas e ainda segregadoras. Com a conquista contemporânea da literatura, essas vozes vão constituindo-se e renunciando as amarras do colonialismo. Narrar-se são as vozes descolonizadas que reconstruíram suas identidades, se desvincular da colonização é ressignificar vidas e histórias, é ouvir quem foi silenciado.

Quem fala? E de onde falam? Possivelmente anos atrás a trajetória na literatura seria inviável, com a peleja da busca pelo espaço negro em várias esferas sociais e culturais, as vozes são múltiplas, são homens e mulheres, pretos e pretas, frutos da escravidão brasileira, os afrodescendentes. A fala pode pertencer a uma mulher com um *black power*, a uma preta alisada, a uma mãe preta, ou seja, assumem-se vários papéis antes retirados.

São as vozes que foram deixadas à própria sorte com o fim do regime escravocrata, que se reinventaram, e nelas trazem todo sofrimento, preconceito e humilhação de um povo, mas também é presente a resistência, existência e saberes desses escritores em seus discursos. As falas que vem das favelas, das cozinhas e que hoje abrange outros lugares e adentram, mesmo sem uma reparação histórica, novos horizontes. Vozes descolonizadas e empoderadas vão aos poucos sendo ressarcidas.

“Assim eu queria minha primeira crônica: que fosse pura como esse sorriso.” (SANTANA, 2015, p. 71) As vozes são somadas, não tira o espaço de quem já tem um lugar, apenas agrega-se, são os primeiros passos para tanto tempo sem poder de fala, como Bianca cita em seu livro, o sorriso puro, que remete à felicidade de se reconhecer e ser preta e escritora.

O eu lírico pode mostrar sua satisfação, com o sorriso, mas lembra que o riso era uma forma de avaliação para a compra de escravos, pois segundo as teorias da época de escravidão, os melhores escravos teriam bons dentes, e segundo Moura (2004) se faltasse algum o preço diminuía com a ruptura o eu lírico afirma que não queria ser uma boa escrava, rompe com o passado manchado. “Era assim que percebia meus dentes. E eu nunca quis ser boa escrava” (SANTANA, 2015, p. 71).

#### **4 MEMÓRIA, HISTÓRIA E EMPODERAMENTO: SEM RESENTIMENTOS.**

Ribeiro (2013) diz que memória é basicamente um elemento de poder coletivo que conduz uma história, ela é mutável e está em constante metamorfose, tendo em vista a memória coletiva que entrelaça épocas e culturas, deixa de ser somente lembranças e passa a atuar na sociedade como história. A memória é um aspecto fundamental para entender o contemporâneo, as estruturas sociais que estão se movimentando e rompendo padrões e tabus.

Muito além do que simples recordações é pela memória que conhecemos a história de um povo e também por elas que se consegue modificar o presente:

Além disso, a memória ocupou, ao longo da história, um lugar de destaque nos movimentos sociais. O direito de lembrar seus semelhantes configurou-se como uma bandeira de movimentos, como o negro e o feminista, e orientou a luta contra o esquecimento de horrores, como o holocausto e a ditadura militar no Brasil. As práticas de memória, assim, se impõem como um imperativo para diversos grupos sociais (RIBEIRO, 2013, p. 209).

Lembrar e exaltar as origens e antepassados, tornou-se sinônimo de orgulho. Relembrar os antepassados, atualmente é como um símbolo de representatividade. Entende-se que relembrar hoje assume novos papéis, é parte intrínseca da identidade coletiva de um povo. As memórias são ressignificadas na busca de reconhecimento e procura pelo eu. O passado do povo afro é de resistência levantar a bandeira de um empoderamento para este povo que lutou por seu espaço não faz parte de uma vingança e sim de justiça e luta por igualdade e equidade.

A luta do povo africano traz resultados maravilhosos para a sociedade atual, ainda em processo de empoderar-se, mas já é visível em várias áreas, na subjetiva; hoje o cabelo é tido como uma coroa e simbologia de beleza negra; na literatura: onde mulheres de cor são valorizadas, legitimadas e dignas de respeito, como sempre foram.

A história que segregou e silenciou é acordada pelo grito do povo negro, ao abrir espaço, entender como democracia o direito de fazer/ter história e memórias para narrar, sem ressentimentos, o povo negro, principalmente na literatura, quer ser ouvido, em outras problemáticas, em políticas, religiões o povo negro é apto a falar de amor, a escrever acerca de beleza e da riqueza natural.

Precisa-se sim, narrar suas lutas, reafirmar a simbologia do cabelo e corpo preto, não como um conforto, mas como um aspecto fundamental da história que não pode ser negado. O espaço em áreas sociais está sendo conquistado, o espaço que pertence ao negro é o que ele desejar.

#### 4.1 Reconhecer-se negra

Negro/preto, dentre outras funções, estas palavras estão atreladas a algo ruim em várias expressões do cotidiano usam esses termos para referir-se ao negativo, como “lista negra”, “lado negro”, “a coisa está preta”, o que ressalta a discriminação em sociedades em que o racismo é enraizado. Seguindo esta linha de raciocínio, as palavras em questão aludem a “feio” ou “ruim”. No *Novo dicionário de Língua Portuguesa*, (2004) esses significados são reforçados, além de relacionar o preto ao ruim, a sujeira e perigo também são incluídos nestes conceitos.

Preto- que tem a mais sombria de todas as cores; da cor de ébano, do carvão. Rigorosamente no sentido físico o preto é ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores. (...) Sujo, encardido, indivíduo negro, a cor da pele desse indivíduo, a cor da pele queimada pelo sol.(...) perigoso, difícil ( ...) preto de alma branca – indivíduo negro bom, generoso, nobre, leal. (FERREIRA, 2004, s.p)

O ser negro é relacionado à pele queimada pelo sol, a algo ruim, defeituoso e feio, o sentido embasado no dicionário recai sob as cabeças negras que levam em seus ombros o peso de ser preto. O sentido da palavra negro é baseado em uma concepção negativa e discriminatória, desde os tempos do Brasil colônia:

A associação do termo “negro” à escravos foi utilizado pelos espanhóis na América. Daí o sentido do termo receber uma conotação ofensiva nos que marcou séculos de história. Ficou no ar certa confusão entre preto e negro, que passaram a significar a mesma coisa, ou seja, pessoas de pele escura. (ROCHA, 2006, p. 900)

Falta de informações sobre o povo africano e afrodescendentes, atrelados aos medo e preconceito afastam e dificultam a auto identificação e conseqüentemente a aceitação. O poder da palavra e as concepções que elas acarretam podem influenciar em várias perspectivas acerca dos indivíduos negros, como verifica-se nessa crônica de Rocha (2009), intitulada “Qual a sua cor?”:

Eu negro? Virgem Maria moço! Negro eu? Deus me livre. Só me faltava essa! Como posso ser negro? – não sei - Eu não sou negro? - o que você acha? – Não sei, olhe pra mim. Eu sou assim... como é que se diz... você me entende – ah tá – que cor eu sou? Cruz credo sô! Nunca tinha pensado nisso... mas por que você perguntou isso pra mim? – por perguntar - eu preciso responder? – seria bom – Deixa eu pensar um pouquinho... Bobagem essa. Que besteira sô! Que diferença faz ser negra ou qualquer outra cor? Ah mas você quer saber mesmo qual é a minha cor ... uns me chamam de moreno, outros de mulato, de pardo, e alguns até me chamam de negro... sabe de uma coisa

moço? Branco eu sei que não sou, mas sinceramente, sabe que não sei que cor eu sou. Meu Deus! ( ROCHA, 2009, s.p. )

Verifica-se, nesse trecho, a dificuldade de reconhece-se preto, dando pelo motivo de geralmente não se pensa em sua cor até se é imposto a pensar, quando um comentário faz refletir. O medo de ser negro permanece durante o passar dos séculos, a falta de conhecimento de suas origens afasta as pessoas de sua verdadeira identidade. Nesse trecho nota-se, também, a confusão em relação à tonalidade da pele e a dificuldade de estabelecer uma nomenclatura adequada para denominar pessoas negras, pois, muitas vezes, termos como “moreno”, “pardo”, “mulato” são usados para referir-se a indivíduos com pele negra.

Hoje a busca pela identidade nos traz a tomada de consciência, porém, o receio está impregnado em nossos corpos. O medo de declarar-se negro torna-se presente por consequência do racismo ou dificuldade em falar de maneira mais profunda acerca dessa temática. “Tenho 30 anos, mas sou negra a dez. Antes era morena” (SANTANA, 2015, p.15). O que parece algo visível e estampado, que é a pele negra, o despertar de consciência étnica é um processo que pode variar entre as pessoas.

A busca pela identidade narrada na obra de Bianca acontece de maneira repentina, quando ofereceu-se para lecionar em um curso comunitário e o coordenador explicou que seria enriquecedor o trabalho, já que ela poderia ser uma boa referência para os alunos. O professor trata da questão de representatividade o “Educafro” é um projeto que beneficia jovens negros com poucos recursos e a figura de uma professora negra poderia incentivar o alunado. Nesse momento, Bianca põe-se a refletir sobre sua cor.

É comum na literatura comentários preconceitos, quanto ao cabelo e cor da pele dos negros, principalmente quando retratados por pessoas de outras etnias. No trecho abaixo, percebe-se a autonarração de uma pessoa negra, que parece confuso (a) para aceitar-se negro, e ponderando os aspectos físicos de pessoas afrodescendentes:

Engraçado né! Agora veja eu não sei que cor eu sou. Como pode isso? – Sei não. – E se eu soubesse... o que iria mudar? Certamente nada. Meus cabelos continuariam assim, duros, ruim, feios e rebeldes. Meu nariz continuaria chato. (ROCHA, 2009, s.p.)

*Qual sua cor* (2009), é uma crônica aqui já citada, que mostra a dificuldade de afirmar-se negro em meio a tantos medos. O trecho releva que, mesmo com tantos receios e dúvidas sobre a cor, o eu lírico mostra ter orgulho do cabelo crespo, usando expressões outrora generalizadas, de referir-se ao cabelo crespo como duro e ruim. Com a tomada de conhecimento

coletivo e individual da etnia, o cabelo crespo não é considerado como feio, e sim, símbolo de resistência e beleza do povo negro.

O processo de aceitação é diferente para cada indivíduo e o que recaí para a mulher são itinerários mais complexos. Os caminhos para a identificação envolvem aspectos sociais e morais. Fios lisos sempre foram o comum para os povos dominadores e que formam o padrão de beleza social. Depare-se com mechas crespas e naturalizar-las leva um tempo. É preciso diferentes experiências para torna-se negra.

Muitas mulheres tomam consciência de sua cor já na adolescência ou fase adulta, pois possuem maior acesso a informações. Autoidentificação de ser negra vai além de reconhecer a etnia e questões biológicas são questões profundas de conhecimento interior elas englobam a mudança de perspectiva social, individual e coletiva, uma mulher quando reconhece-se negra, em sua maioria, agrega o orgulho de seus ancestrais e lutas por direitos.

Bianca, identificar-se negra, em sua obra, nos primeiros relatos de sua narrativa a autora explica o processo intenso de reconhecimento, depois de muitos anos de silenciamento e falta de informações. No segundo capítulo, já consciente de que é uma mulher negra, sabe as consequências desse reconhecimento, percebe o racismo estrutural em várias situações, (em uma viagem com um homem branco). Bianca não é a única personagem do livro, são relatos de pessoas diferentes que envolvem tanto o sentimento de pertencimento quanto todos os estigmas relacionados a ser preta.

Do que eu ouvi, são relatos que formam um capítulo do livro *Quando me descobrir negra*, a autora narra situações cotidianas como a de Cláudia, médica, preta e rica, uma exceção nos índices brasileiros, pois o preconceito não livra quem está em classe mais alta, porém o mesmo é suavizado:

A amiga de hospital uma vez descreveu o cabelo feio de uma paciente “mulata”, muito alisado, mas logo lembrou de ressaltar: “Não assim bonito como o seu, Cláudia”. O amigo do marido no jantar da empresa, contou do funcionário que entrou na faculdade beneficiado por cota racial: “O cara não é estudioso como você, Cláudia, que entrou em medicina sem cota nenhuma.” (SANTANA, 2015, p.65-6)

Mas uma vez, o cabelo crespo é alvo de ofensas. No trecho acima é constatado o pensamento discriminatório da colega de trabalho de Cláudia. Mesmo companheiros (as) de pessoas pretas, nutrem um preconceito, este que vem das nossas raízes e faz parte da educação de muitos, com piadinhas racistas, comentários maldosos, que se não são orientados desde o início que é errado, crianças em sua formação podem constitui-se cidadãos racistas.

O percurso de reconhecimento fica complexo diante de toda discriminação social. Ir além do que narram e buscar conhecimento requer uma tomada de consciência que proporciona uma mudança de visão e autoconhecimento. O racismo pode ser manifestado de diferentes maneiras, inclusive por pessoas que se dizem não racistas.

Segundo Almeida (2019), a raça humana tem lutado por poder desde XVI o que resulta em agrupamentos por categorias de pior ou melhor, superior e inferior. Com essa divisão o racismo surge:

[...] O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminaram em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p.25).

De maneira mais clara o racismo é um ato discriminatória que pode ser classificado dentre outras categorias como estrutural, este é determinado a partir dos aspectos estruturais de uma sociedade. É possível perceber o racismo na política ou/e em instituições, as consequências são evidentes e encaradas como normais, desse modo essas atitudes são relativizadas.

## 4.2 Transições

Os padrões são parte do meio social existem diversos padrões: de comportamentos, para diferentes situações; de vestimenta e não diferente de beleza. O que se sabe é que esse padrão não pode ser alcançando de maneira universal, pois este surge de uma etnia. Com o padrão de beleza já consolidado, todos os tipos físicos são considerados como inferiores, o que atrelado com a escravidão, as mulheres negras sofreram maior preconceito. Com o tempo, as mulheres negras começaram a buscar por esse protótipo de beleza, muito distante de encaixar-se pela cor da pele, a busca por ter cabelos lisos sempre foi presente.

Bell Hooks, (2014), fala do costume do alisamento, essa postura de imitar a cultura branca é parte de um racismo interiorizado, mas também fala do alisamento de um outro pensamento, as mulheres negras criam laços, falam de identidade, a intimidade gerada no momento do alisamento, que a maioria das mulheres pretas, já submeteu-se. O alisamento foi imposto pela necessidade de sentir-se bonita e adequar-se. É como ouvir relatos de crianças negras que já alisam seus cabelos ou que nutrem esse desejo.

Segundo pesquisa da L'oreal, 56% das mulheres brasileiras têm cabelo cacheado ou crespo - e 63% delas desejam ter cabelo liso. Este desejo tem fundamento: tanto a indústria de cosméticos quanto a publicidade e a moda

ignoraram, por muito tempo, os fios não lisos. Felizmente, a realidade vem mudando. (FREITAS, 2016, s.p.)

Um cabelo que sempre foi disseminado como feio, e com aspecto sujo e duro, seria pouco provável ser motivo de orgulho, principalmente para crianças com a identidade ainda no início da formação. Deixar o cabelo preso, trançar, são motivos que levam uma criança a querer alisar cabelo, muitas vezes os pais incentivam o processo químico para ficar ‘domado’, ou melhor, para pentear.

Muitas mulheres não conhecem o seu cabelo, a textura, o tipo dos fios, por o alisamento fazer parte da sua vida desde cedo. As mulheres se reúnem de maneira que uma alisar o cabelo da outra, esses procedimentos agora com meios menos agressivos, antes, deixavam marcas horríveis na memória de várias mulheres.

Ferro ou pentes quentes, que era aquecido no fogo e em seguida passado em mechas de cabelo como não era um processo duradouro, repetia-se pelo menos uma vez por semana. As queimaduras no couro cabeludo, testa, orelhas eram inevitáveis. Depois, surgiram os relaxamentos, cremes com vários produtos químicos que prometiam alisar o cabelo. E muitas substâncias proibidas para o uso humano, o que ocasionava intoxicação, alergias que feriam o cabelo, ou no mínimo coçava, porém, os efeitos colaterais eram sentidos pela maioria das mulheres, tanto por quem estava alisando como quem fazia a aplicação.

O mesmo foi precursor do questionamento relativo à imposição de alterar a estrutura do cabelo de mulheres negras através do alisamento para adequarem-se aos padrões europeus de beleza que implicam em mulheres com cabelos perfeitamente lisos. No Brasil, por ser uma característica física mais passível e acessível de mudança, o cabelo afro ainda é uma das mais bem articuladas expressões do racismo. ( SANTOS, 2015, p. 3)

Durante décadas, essa foi a transformação de cabelos crespos, quando não se via cabelos crespos naturais: ou eram trançados ou alisados. Após alguns movimentos, como o Black Power, cria-se outra perspectiva e várias pessoas entram em transição capilar. Passou-se a questionar-se a imposição de alisar o cabelo para adequar-se ao padrão hegemônico, o cabelo crespo sempre tido como feio e ruim, sempre foi alvo direto de ofensas racistas.

Antes de ser denominado como movimento Black Power, um ativista negro jamaicano debateu sobre o alisamento de cabelos de homens e mulheres em 1920; anos depois, de acordo

com Santos (2015), o termo foi criado por Stockley Carmichael poder negro é o significado desse termo e associado ao cabelo. Como informa Santos,

O movimento *Black Power*, deu início à busca por aceitação da beleza do cabelo crespo. O que não mudou foi o racismo, com o crescimento do uso do cabelo da forma natural. Mudar o cabelo, aceitar-se e se conhecer por inteiro (a) é o empoderamento que desencadeou a busca pelas raízes negras, mesmo ocasionando maior preconceito direcionado ao cabelo e sua forma.

Como a maioria das mulheres alisavam o cabelo e queriam voltar ao seu natural, para saber a forma do seu *Black* passaram pelo processo de transição capilar. “O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural e tem gerado interesse e um novo mercado”, afirma Santos (2015, p. 4).

Para saber sobre o seu cabelo, o processo de transição teve a adesão de várias mulheres que assumiram o cabelo natural. Atualmente é comum encontrar mulheres com *Black*, ou cabelo cacheado, alisado com seu crespo ou trançado. O fortalecimento de movimentos sociais e o rompimento com a procura pelos padrões, os cabelos crespos são mais usados. O que muda não é somente a estrutura dos fios e sim o ato de legitimar o cabelo característico a etnias negras como bonitos e significativos, para a luta igualitária entre povos.

Passar pelo processo de transição e tirar a química dos fios é mais que um ato que visa o estético, é deixar sair toda falta de amor por si, é limpar o amargo de querer ser o que não se é, assumindo o seu papel social e individual. A mídia, produtos e várias pessoas mostram a importância de preservar suas raízes. Partindo do cabelo, é possível espelhar-se em outras pessoas para assumir e aprender a cuidar do seu cabelo.

Porém, muitas pessoas se identificam os seus fios alisados, e o cabelo natural não pode ser encarado como um novo padrão e sim como forma de afirmação, independente da maneira que cada mulher se identifica. Estudo e fiscalização necessária acerca dos produtos para alisamento foram intensificados, com isso, os riscos são menores, uma vez que não devem acabar com um padrão impondo outro. Pessoas que escolhem alisar o cabelo, não estão negando suas origens, pois uma mulher pode ser empoderada, independente de sua estética.

O cabelo é um símbolo de todas as lutas, mas principalmente da beleza negra. Alisar, usar o *Black*, ou tranças são símbolos da beleza negra. São mulheres que conhecem seus direitos e lutam por mais. Mulheres que podem escrever ou falar sobre o que sentem, sem ter que silenciar-se.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muitos anos o cabelo crespo foi motivo de frustração e anulações. Não pode soltar pois ficar armado, cabelo duro e outras expressões fazem parte da infância de uma criança negra e perdura pela sua vida. A busca incessante por alguém igual, em livros ou meios de comunicação, era quase nenhuma se voltarmos no cenário de dez anos. Os traumas guardados na memória de muitas mulheres são esvaziados com a mudança de perspectiva e consequentemente aceitação.

Em nossa literatura, vemos poucos papéis de destaque protagonizado por mulheres negras e autoras negras. Vários estereótipos são vinculados a essas poucas figuras e a mulheres reais. O espaço para as mulheres negras no campo literários vem sendo construindo com muito esforço. Representar-se e não mais ser representada é um desejo coletivo, de um povo que anseia ouvir os seus, toda essas subjetividades narradas por quem vivência. Como se sentem, o que pensam a respeito de diversos assuntos e o que querem, são respostas que deveria ter muito antes, afinal mulheres pretas fazem parte da constituição do povo brasileiro.

As vozes surgem na literatura de maneira tardia por duas principais causas, à primeira se dá pelo crime da escravidão, e o pós-escravidão que homens, mulheres e crianças foram deixados à própria sorte em país que consolidou-se racista, visto que, as circunstâncias poucos favoráveis, dificultaram o acesso ao estudo, sendo possível para negros anos mais tarde. O segundo ponto é a questão do espaço, a história do negro (a) foi sempre narrada pela visão dos nossos opressores. Vozes foram silenciadas e subjugadas, até de fato conquistar o lugar de fala, podendo conhecer essa narrativa atualmente, mesmo com poucas vozes negras nesse universo.

Diante do contexto exposto, o presente trabalho ressalta o papel da literatura para o empoderamento feminino e aceitação do cabelo crespo, independente da maneira que o mesmo se apresenta, alisado, *Black Power*, cacheado, trançado. O cabelo crespo pode assumir diferentes formas, o que o torna singular e símbolo tão importante da luta por igualdade racial.

Fios que formam o cabelo crespo, vão além de um aspecto da anatomia dos seres humanos, o cabelo é um símbolo da valorização da beleza negra, encarado como a coroa do povo resistente o crespo passa de algo feio e ruim, como motivo de orgulho, um traço adotado como ícone do empoderamento feminino preto. São expostos outros caminhos, estes dão voz e adentram campos políticos, sociais que sofreram com a ausência da voz negra. Um processo

ainda no início de ressignificações e afirmações, de modo que é preciso ter coragem e consciência para assumir-se negro (a) diante do racismo ainda impregnado nas nações.

Nessas breves páginas, o trabalho tem a finalidade de analisar e valorizar uma voz feminina e negra, a de Bianca Santana com o livro *Quando me descobri negra*, pois acredita-se que a leitura abre os caminhos para um mundo em transformação. A representatividade nos livros de literatura contribui para o processo de autoconhecimento e formação de identidade, é uma das portas para abordar a negritude como algo positivo.

A análise do livro e das perspectivas acerca do cabelo foram aqui discutidas, mostrando o caminho de ressignificação que a maioria das mulheres pretas passa até construírem sua identidade individual e coletiva. Conclui-se aqui o objetivo dessa pesquisa, de analisar e explicar esse processo, bem como mostrar itinerários pertinentes para valorizar e exaltar a beleza e o cabelo crespo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista das revistas, Scielo Brasil, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?lang=pt> Acesso em: 30 de nov. de 2021.

CRUZ, Jéssica Thoaldo. MARTINS, Patricia. **Colorismo e embranquecimento na rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana**. São Paulo, 2017.

DICIO, Dicionário Online de Português. Web, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estereotipo/> Acesso em: 27 de jun. de 2022.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. 2005. **Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira**. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, Agosto, 2005.

Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf> ou <https://palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 21 dez. de 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980. p. 31.

FREITAS, Hyndara. Transição capilar: mulheres abandonam alisamento e assumem cabelos naturais. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2016.

Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,transicao-capilar-mulheres-abandonam-alisamentos-e-assuem-cabelos-naturais,10000049046> Acesso em: 12 jun. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. Geledes, 2017.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

IBGE. **Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População**. 2008. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html?edicao=9376&t=destaques>. Acesso em: 23 mai. 2022.

JOB, Maria Sandra. Cânone, feminismo, literatura: relações e implicações. **Falas Breves, Literatura & Sociedade**. Breves-PA, fev/2015, v. 2. ISSN 23581069.

Disponível em: <https://www.falabreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/31/37>. Acesso em: 21 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação- Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACIEL, Maria Eunice. **A eugenia no Brasil**. Porto Alegre, 1999.

Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 jun. 2022.

MENESES, Ramiro Déliu Borges. **A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia**. Universidade Católica Portuguesa. São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira. **Escrever como homem ou escrever como mulher?:** relações entre a autoria feminina e o cânone literário. Florianópolis, 2015. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945019\\_ffa88a6b654bf61f67e0bcbfd1784968.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945019_ffa88a6b654bf61f67e0bcbfd1784968.pdf). Acesso em: 23 de jun. de 2022.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Letramento. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2022

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Transcrição e tradução Monique Augras; edição Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 21 dez. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A memória e o mundo contemporâneo**. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Anadarco, 2013, p.65-84  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/HfTnRWnrdFpmCWrdFjgtfLB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de jun. de 2022

ROCHA, José Geraldo. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. Rio de Janeiro: CiFEFiL. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 2, t. 1, p. 899-907. In; *Crônica Qual é a sua cor?* Rio de Janeiro: 2009.  
Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/899-907.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf). Acesso em: 21 dez. 2020.

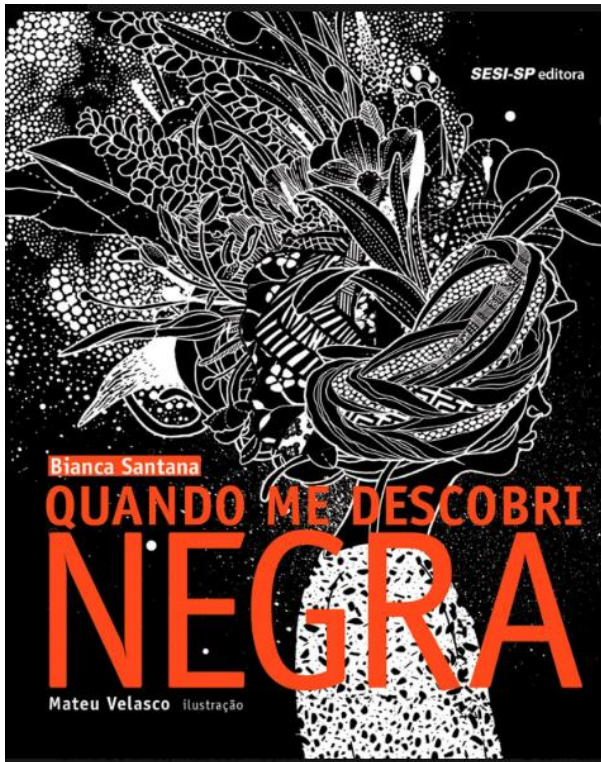
SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. SESI – SP. São Paulo, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5765183/mod\\_resource/content/1/Texto%208.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5765183/mod_resource/content/1/Texto%208.pdf). Acesso em: 21 dez. 2020.

SANTOS, Nádia Regina Braga. **Do Black Power ao cabelo crespo:** a construção da identidade negra através do cabelo. São Paulo, 2015.  
Disponível em: [http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo\\_nadia.pdf](http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf). Acesso em: 13 de jun 2022.

TANNUS, Lara. **Literatura negra: “Escrevivências”**. CCSP, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/11/literatura-negra-escrevivencias/>. Acesso em: 20 de mai. 2021.

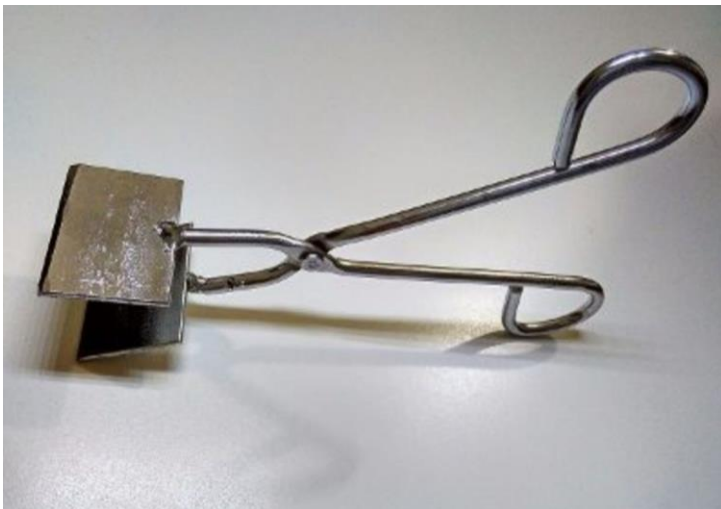
## ANEXOS

FIGURA 1- CAPA DO LIVRO



Fonte: Amazon (2022)

FIGURA 2 – FERRO DE CHAPAR CABELO



Fonte: Enjoei (2022)